

— ed-u-ca'tion (

# Novas modalidades de analfabetismo e exclusão

Por prof. Henrique Vailati Neto, diretor do Colégio FAAP.

Se a nova face econômica da contemporaneidade foi marcada pela expansão dos mercados que se globalizaram e se espalharam pelos tentáculos da Revolução Industrial, como é de comecinho conhecimento, da mesma forma, ela significou a imposição de uma nova língua àqueles que queiram sobreviver nestes tempos de comunicações geneticamente modificadas pela rede mundial de computadores, o **inglês**.

## Comprovação do óbvio?

Apenas introdução a mais uma daquelas realidades que, de tão conhecidas e aceitas, têm uma presença tão impositiva que inibe discussões e nos provoca uma miopia que nos faz perder pormenores de vital importância para a compreensão e direcionamento de nossas vidas: a **glo-**

**balização** e sua indiscutível marca em nossas vidas se tornou um daqueles conceitos que gosto de chamar de “absolutistas”, ou seja, que não admitem discussões em sua forma como são divulgados e tacitamente aceitos. No entanto, para o **educador**, tal realidade se reveste de responsabilidades novas que descortinam e exigem posturas nem sempre perceptíveis para o público em geral, que impõem a ele novas posturas estratégicas e que, como muitas outras faces da realidade, ficam mascaradas por abordagens simplistas que impedem a devida discussão e, o que é pior, dirigem estratégias ou **equivocadas** ou, pelo menos, não tão **eficientes**. Tais imposições se agudizaram nesta nova fase do Colégio FAAP em que **buscaremos com mais vigor o do-**

**mínio do português e a proficiência do idioma inglês** para que possamos elevar o padrão de aproveitamento pedagógico que sempre marcou os diversos institutos da FAAP e, evidentemente, seu Colégio que, desde seu nascimento, foi pensado como um centro formador de uma elite acadêmica para as nossas faculdades.

A questão que envolve a **internacionalização** e seus efeitos na educação tem, como tudo, que ser minimamente contextualizada para que possamos focar os aspectos desejados.

Para as novas gerações deve parecer inacreditável que, num passado não tão remoto, a “brasilidade combatente” pudesse, em suas manifestações puristas, punir a presença dos chamados “idiomas da dominação”, que em nosso caso foram o francês, enquanto língua erudita, e o inglês como instrumento do colonialismo do Império Britânico e, depois, como a “língua dos negócios”, dos Estados Unidos da América (EUA):

perdíamos pontos na nota quando, nos exercícios de redação, usávamos qualquer palavra derivada do francês e do inglês que eram, impiedosamente, grifadas em vermelho como **galicismo** ou **anglicismo**.

A questão da internacionalização é menos pacífica do que se pensa, existem preocupações sinceras e procedentes quanto aos processos de descaracterização semântica e que, como abordaremos à frente, as resistências à globalização são muito mais do que ideológicas. Com a queda do Muro de Berlim e a abertura da China para o mundo, o fim da “síndrome de Babel” se consolidou. Em todos os quadrantes, na velocidade da rede mundial de computadores operada, como todas as demais comunicações, via satélite (muitos...) fez com que o inglês, enquanto “língua do mundo”, se convertesse numa ferramenta inevitável de sobrevivência em praticamente todos os setores da vida: hoje, em inglês, temos 85% da produção científica, 75% de todas as comunicações internacionais, 80% das informações acumuladas nos bancos de dados digitais e 90% das comunicações na Internet. Além disso, já se prevê próximo o dia em que todo o conhecimento produzido pelo homem esteja digitalizado e, por consequência, em inglês. Muito mais do que o “idioma dos negócios” das empresas transnacionais, muito além de uma forma de sobrevivência em culturas distantes (que ficaram próximas), num mundo onde a informação de qualidade se tornou a mais valiosa *commodity*, a língua de acesso a esse universo digital é vital.

Demonstrando a presença inelutável da língua inglesa em nossos tempos, lembramos que a mesma se estabeleceu como “língua diplomática” por excelência em todos os foros em que se queira pensar a reorganização mundial nos últimos 50 anos. Nunca é demais ressaltar que esse idioma falado por britânicos, norte-americanos, australianos, neozelandeses, canadenses, caribenhos,

sul-africanos, nigerianos, enfim, por aproximadamente 1,8 bilhão de seres humanos, no serviço da internacionalização, aceitou um sotaque internacional que confirma sua vocação utilitarista e simplificadora, em que pesem algumas resistências puristas quanto à “melhor pronúncia”. Aqui, cabe uma pequena ressalva: fluência em uma língua implica em riqueza de vocabulário e num mínimo de leitura que permita um linguajar esteticamente bom; supõe capacidade de superar a indigência que certos cursos de inglês vendem a título de “fluência”; por consequência, significa um estudo rigoroso e bem dirigido que obriga a visitar a boa literatura, o discurso mais refinado que, muito mais do que pedir comida ou assistir a um filme, permita a seu possuidor construir um discurso rico e bem estruturado num idioma e que atenda às exigências cada vez mais complexas e sofisticadas da vida e dos negócios globalizados.

## Quer o **desconhecimento** da “língua da modernidade”, quer o **mau domínio** de nosso idioma, criaram novas modalidades de analfabetismo

Em maior importância e, lamentavelmente, menos valorizado, temos como fator de sobrevivência e sucesso o **domínio do idioma pátrio**: instrumento original de identidade e desenvolvimento, fonte estruturante de nosso raciocínio, de nossas emoções, território vital onde se estabelecem nossas mais profundas raízes e que, na maioria das vezes, não é cuidado da forma que deveria, até mesmo por um certo complexo de inferioridade congênito aos países outrora colônias.

No Colégio FAAP, à nossa sempre destacada atenção ao ensino do Português, acrescentaremos no período integral uma carga redobrada que permitirá o **domínio de nossa língua**: círculos de leituras, debates, encenação de textos, elaboração de jornais em que os clássicos estarão sempre conversando com a modernidade, em que Camões e Vinícius de Moraes frequentarão os mesmos temas com tempos e estilos diversos para que se fundamente a solidez da nossa língua.

É muito necessário fazermos um contraponto às abordagens usuais feitas ao fenômeno da globalização e que demonstram o mencionado absolutismo do conceito bem como a importância não só do idioma inglês, mas do bilinguismo, ou seja, da fluência em inglês em paralelo ao domínio, no nosso caso, do português.

Contrariando as previsões de McLuhan de que o ano 2000 veria o mundo como uma **aldeia global** onde as nações desapareceriam e todos os povos viveriam uma internacionalidade homogeneizada pelas comunicações de massas, hoje, as nacionalidades ainda apresentam um

## “A língua portuguesa é a **nossa pátria**”

Fernando Pessoa

grau de resistência que desafia prognósticos. Com todo o arsenal que possuímos de tecnologia de comunicação, não deixam de ser extremamente interessantes e significativas as sobrevivências das culturas tribais, regionais e nacionais, enquanto movimentos de preservação das identidades humanas, como forma de sobrevivência dos indivíduos ante o perigo da mutilação e do reducionismo que ameaçam as individualidades culturais. Nada demonstra melhor a força centrípeta dessas individualidades do que os exemplos das nações que protagonizaram a modernidade industrial que, em essência, é a matriz da globalização: Inglaterra, França, Alemanha, EUA e Japão são cabais demonstrações de como povos que pontuaram as mais profundas reformas da contemporaneidade as fizeram preservando os núcleos de suas culturas originais e, mesmo se abrindo para o resto do mundo, puderam revolucionar assentados na preservação de valores nacionais consistentes. Em recente palestra proferida na FAAP pelo notável tributarista Ives Gandra da Silva Martins, na apresentação do currículo do novo colégio da FAAP, falando com propriedade e competência sobre a importância do domínio do português, ele citou Fernando Pessoa, que dizia: **“A língua portuguesa é a nossa pátria”**.

Assim, quer se fale numa política educacional que nos garanta um padrão elevado de desenvolvimento social e econômico, quer falemos nas possibilidades pessoais de desenvolvimento, o domínio completo do português é a pré-condição para se assegurar uma formação plena e potencialmente

capaz de garantir a formação de cidadãos competentes e felizes, que não percam a sensibilidade para com as diversidades culturais tão obrigatoriamente observáveis quanto a **necessidade de fluência no inglês**. Tais verdades, entre outras, não podem estar dissociadas de metodologias competentes e atentas para as agressões que as novas formas digitais de comunicação levam aos nossos alunos que, sob a máscara de um pseudopragmatismo, fazem com que os mesmos não sejam alertados de que o mercado e a vida querem entender nossas mensagens com clareza, objetividade e na mais agradável forma e estilo; que entre a indigência linguística e o pedantismo, existe a beleza de um idioma multissecular que pode nos permitir mostrar e valorizar o que sabemos, queremos ou estimamos.

Quer o desconhecimento da **“língua da modernidade”**, quer o **mau domínio de nosso idioma**, criaram novas modalidades de analfabetismo que, por menos visíveis, têm efeitos mais deletérios do que a forma clássica a qual, neste enfoque, tornou-se socialmente patológica.

O diretor do Colégio FAAP, Henrique Vailati Neto, atendendo as alunas Isabela Lacreata (à esquerda) e Mariangela Fernandes Reali.

